

## **O PET DIANTE DOS DESAFIOS DA PANDEMIA<sup>1</sup>**

Mário Lima Brasil<sup>2</sup>

Esta palestra se dirige principalmente àqueles/as que não conhecem o Programa de Educação Tutorial fora da pandemia - jovens petianos/as/es, tutores/as e discentes que entraram recentemente no programa. Não sabem o que é o PET, toda a sua existência, as suas lutas - e foram muitas - as suas conquistas, os seus desafios e as suas perspectivas. Por fim, encerrarei a palestra falando sobre os desafios do PET em tempos de pandemia.

O PET foi idealizado por Cláudio de Moura Castro, na época diretor geral da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) em 1979. Inicialmente como Programa Especial de Treinamento. Que criou um grupo de elite intelectual, por meritocracia simples e pura, em contraposição à massificação do ensino superior. Justificando-se na salvaguarda da qualidade do ensino superior, pretendia favorecer a formação de grupos considerados de elite, dedicados à pesquisa e ao estudo.

O programa já nasceu com um imenso potencial, de cinco grupos em 1979, na sua criação, saltou dez anos depois para oitenta e dois grupos. Em 1987 aprovou-se as "Orientações Básicas do PET". Mesmo com todo esse potencial, o programa sempre foi um desafio para os gestores do MEC e nos anos noventa o programa passou por uma série de problemas. A mensagem equivocada do BID (Banco Interamericano de Desenvolvimento) e do FMI (Fundo Monetário Internacional) de que o Brasil, por ser um país em desenvolvimento, não se recomendava o investimento em ensino superior, começava a tomar vulto na década de noventa. A ideia era que tivéssemos algumas universidades em algumas regiões e que as outras fossem transformadas em núcleos, sem autonomia e subordinados às universidades existentes nas grandes capitais do Brasil (na época, essas grandes capitais, se referiam às do eixo sul/sudeste).

---

<sup>1</sup> Transcrição da Palestra de Abertura do VIII ECOJET 2021, realizado em Dourados-MS.

<sup>2</sup> Tutor do PET Conexão de Saberes Música do Oprimido. Universidade de Brasília. E-mail: mario@unb.br.

Em 1998/1999 o processo de extinção do programa continuou com a diminuição do número de bolsistas de 12 para 6 e posteriormente o corte da bolsa de tutores. O PET reagiu criando a CENAPET os INTERPETs estaduais, encontros do SulPET e SudestePET e culminou em uma grande manifestação em Brasília, apoiado por outras entidades do meio acadêmico como a ANDES, a UNE, a SBPC, e ANDIFES, e boa parte dos Centros Acadêmicos, movimentos sociais, entidades organizadas, Congresso Nacional e Assembleias Legislativas, etc.

Mas os problemas do PET não se encerraram por aí, em 2000 tivemos o corte das bolsas de tutores, do CUSTEIO e 2001, sem bolsas e sem CUSTEIO o programa correu o risco de extinção. Mas devido o apoio de todas as entidades citadas anteriormente, intensa mobilização e tutores que continuaram orientando mesmo sem bolsa, o programa foi salvo da extinção. O PET foi para a SESU/MEC e a nova secretária Maria Helena Castro restituiu o programa, mas ainda sem perspectivas para as bolsas de tutores. Então o PET foi ao legislativo em busca de emendas e apoio parlamentar, se antes o foco de nossas reivindicações era somente o poder executivo, agora passamos a acionar também o legislativo em busca de solução de nossos problemas.

Em 2004 tivemos finalmente a criação do Programa de Educação Tutorial - lembrar que até então tínhamos o PET como Programa Especial de Treinamento - a aprovação definitiva veio em 2005 por meio da Lei 11.180 e da Portaria MEC 3.385, instituindo e regulamentando o Programa de Educação Tutorial; a aprovação do Manual de Orientações Básicas PET em 2006. Esse manual de 2006 foi muito importante e uma grande conquista, mas infelizmente hoje se encontra defasado em relação a dinâmica e as necessidades do programa. Entre 2010 e 2014, depois de uma série de reuniões, inclusive a primeira e única reunião do Conselho de Avaliação, formado por notáveis da área de avaliação, tutores e discentes do PET, elaborou-se um novo Manual de Orientações Básicas, referendado pela assembleia do ENAPET. Esse manual, infelizmente, nunca foi aprovado pelo MEC.

Tivemos uma expansão rápida do programa, em 2006 tínhamos 317 grupos, que saltou em 2015, nove anos depois, para os 842 grupos de hoje. Infelizmente o último edital foi publicado em 2012, estamos há dez anos sem ter editais. O que não se expande corre o risco de se extinguir, temos que continuar lutando e reivindicando que sejam lançados novos editais. Em 2010 temos um fato importante nesse processo de expansão - a entrada do PET Conexão de Saberes no programa, para a vantagem dos grupos PETs e perda do programa Conexões de Saberes, que foi extinto - esse programa era mais amplo que o programa PET, tinha mais liberdade e flexibilidade, além de um maior volume de recursos para cada grupo. Havia inclusive a liberdade de adquirir material permanente, liberdade esta, fundamental para programas acadêmicos dessa natureza, e que falta ao programa PET.

Em 2010 e 2013 respectivamente foram publicadas duas portarias, ainda vigentes até hoje, 976 e 343 - decorem e estudem esses documentos - junto com o Manual de Orientações Básicas (MOB), os documentos mais importantes que temos atualmente no programa. Importante ressaltar que a 976 trouxe uma mudança desastrosa para o programa. Não a mudança em si, mas a maneira como foi implementada, de supetão, e que trouxe grandes prejuízos para o programa. Nos referimos ao limite de seis anos para o tutor e a possibilidade que ele não pudesse se candidatar à nova tutoria. Isso trouxe a saída de tutores experientes, que tinham a memória do programa, os contatos, as bases fundantes do PET. Com a saída desses tutores parte dessa memória se perdeu, houve desmobilização de tutores e isso levou o programa a uma nova fase: a de discentes mais protagonistas, inclusive na organização dos eventos.

A portaria 343 trouxe outra mudança importante e controversa para o programa. O MEC, ao descartar a Comissão de Avaliação - só a convocou uma vez - acrescentou mais um "A" no CLA que passou de Comitê Local de Avaliação, para CLAA (Comitê Local de Acompanhamento e Avaliação). Essa mudança de função do CLAA, que agora além de acompanhar, teria que avaliar também, de imediato não fez bem para o programa. Pegou os CLAA's despreparados para a função e muitos tiveram

problemas sérios para serem também avaliadores. Com o tempo os CLAAAs foram se adaptando a sua nova função e hoje, por meio de visitas periódicas aos grupos, procuram avaliar, mais de perto, como os grupos estão desenvolvendo seus planejamentos.

Para falar sobre o PET diante da pandemia temos que saber quais os objetivos do programa com muita clareza. Um dos objetivos muito importante é a indissociabilidade do ensino, pesquisa e extensão. Esse objetivo deve ser exigido pelos CLAAAs nos planejamentos dos grupos. Existem PETs que são verdadeiros PIBICs, outros são PIBEXs - não, o PET não é isso - é a indissociabilidade do ensino, pesquisa e extensão. É importante que obedeçamos a essas bases fundantes do programa. Precisamos fazer planejamentos que englobem ensino, pesquisa e extensão na mesma proporcionalidade.

Outras características importantes do programa PET são o trabalho colaborativo, interdisciplinar, horizontalizado . Mas e se o PET for de curso? Não importa, a dinâmica interna do programa vai transformar o seu PET em interdisciplinar,

Desenvolver o espírito crítico e contribuir para aumentar a diversidade na universidade, também são parte importantes do programa. Essa diversidade vinha sendo conquistada, mas a consciência da importância de termos um mundo mais diversos retrocedeu nesses últimos quatro anos. Nós precisamos dessa diversidade. A diversidade foi, e é, uma das grandes responsáveis pela sobrevivência do ser humano neste planeta. O PET é uma nova tecnologia na área de educação, quando tem em suas bases o espírito colaborativo, interdisciplinar, horizontalizado, diverso, e a indissociabilidade do ensino, pesquisa e extensão.

O PET traz o novo para dentro da academia, quanto ele prega a indissociabilidade do ensino, pesquisa e extensão, e pratica isso; quando ele prega a inter-multi-transdisciplinaridade, e pratica isso; quando ele prega a diversidade, e pratica isso. Com essas práticas temos estudantes mais críticos, diversos, tecnicamente mais preparados para os desafios do século XXI. Estudantes assim refletem mais a verdadeira missão da academia. Nossa

academia se move lentamente, está defasada, ainda tem um perfil mais mecanicista; ainda é newtoniana, e nós já estamos criando o computador quântico. Um outro mundo se avizinha e nós ainda estamos lutando com um obscurantismo medieval que toma conta de alguns lugares no mundo, inclusive desse País.

A partir de 2013 temos um fenômeno muito interessante dentro do PET: o aumento do protagonismo estudantil, e a criação de melhor estrutura de organização e mobilização. Essas organizações planejavam, executavam e avaliavam atividades de alto impacto nas áreas de ensino, pesquisa, extensão e mobilização, levando a uma formação ampla e diferenciada técnico-científica, humanista, administrativa, cultural, política e transdisciplinar, se afastando cada vez mais do modelo disciplinar da academia.

Qual o produto final do PET? É muito importante que saibamos disso se queremos saber como o PET se comporta diante da pandemia e como vai se comportar na pós-pandemia. O principal produto final do PET é o ser humano! - Não é o engenheiro, a médica, o administrador, a artista, é o ser humano. Precisamos de seres humanos melhores. Temos uma tecnologia que avança a uma velocidade que nossa consciência não consegue acompanhar. É importante termos os avanços tecnológicos, mas o mais importante é que esses avanços sejam orientados por seres humanos de consciências mais evoluídas.

Estamos vendo no Brasil e em algumas partes do mundo seres humanos cuja consciência pararam no tempo, voltaram à Idade Média, aos pensamentos obscurantistas daquele período (não que a idade média tenha sido somente isso). Tenho consciência do processo de transformação que sofri dentro do PET. Me tornei um professor mais humano, mais consciente dos problemas dos/as/es estudantes. Somos proativos, temos liderança, tudo isso se desenvolve no programa.

Até 2013 a estrutura de organização do PET, a CENAPET, era presidida por Tutores com o apoio de estudantes. Mas nesse ano, no ENAPET de Recife, com o atraso de bolsas, durante a assembleia, tira-se uma

orientação para que nos reuníssemos em Brasília a fim de protestar contra esse atraso e outras reivindicações que estavam na pauta. Lembro de perguntarem se teriam o apoio de Brasília. Nesse ENAPET de 2013 só estavam presentes três representantes de Brasília: eu e duas petianas - uma delas iria contribuir muito para a mudança que viria a seguir, a Naiara - Essa mobilização em Brasília levou ao incremento da participação de estudantes nas mobilizações e a criação do MobilizaPET.

O MobilizaPET marca o início dessa nova fase de protagonismo estudantil, e a criação de uma estrutura de organização mais ágil, usando todos os recursos tecnológicos, inclusive dos grupos de whatsapp que estavam nascendo, deixando de lado as antiquadas listas de e-mails utilizadas por tutores. Em 2017, durante o ENAPET de Brasília, um grupo de estudantes desenvolve uma estrutura de organização de eventos de maneira brilhante, para dizer o mínimo, e assume o protagonismo da organização dos mesmos. Rapidamente essas orientações se espalham pelos eventos regionais e nacionais, que passam a utilizar os documentos criados por estudantes no ENAPET de 2017 e com isso assumem de vez um maior protagonismo no programa. Eles se organizavam, se intercomunicavam com mais agilidade que os tutores, aproveitando o que havia de melhor nas novas tecnologias. Com o MobilizaPET chegamos ao legislativo, participando de audiências públicas na Câmara dos Deputados e no Senado Federal. Depois veio o DivulgaPET, vários INTERPETs ganharam autonomia jurídica, se expandindo cada vez mais.

A COVID19 atingiu o programa PET em cheio, foi duplamente mortal para o programa. Além das mortes - aproveito aqui para me solidarizar com os familiares dos mais de 600 mil mortos pela pandemia - tivemos também uma das nossas principais armas de luta do programa desativada, nossa interação social, principalmente através dos eventos, que passaram a ser online. A pandemia trouxe o distanciamento social. Para um programa que se oxigenava nos encontros, passou a respirar menos sem essa oxigenação presencial.

Tivemos que nos adaptar às aulas online. Essas aulas exigem que se tenha bons equipamentos de comunicação, boa internet. A pandemia escancarou uma realidade cruel dentro das universidades brasileiras e por conseguinte dentro do programa PET: as diferenças sócio-tecnológicas dos nossos estudantes. O estudante A tem a sua disposição bons computadores, celulares, internet, ambiente de trabalho, boa alimentação, mesmo com tudo isso teve sua saúde mental abalada pelo isolamento. O estudante B não tem internet que preste - o governo deixou de gastar bilhões para comprar chips com internet razoável para esse estudante B - cego por uma ideologia obscurantista que não respeita o ser humano mais carente, que não nasceu em uma estrutura privilegiada, mas é tão competente como o estudante A, desde que lhe sejam dadas as ferramentas necessárias. São aqueles que precisam buscar nas lajes o sinal de internet, nos seus celulares minúsculos; no computador, dividido muitas vezes com outros irmãos, são aqueles que o pai e a mãe estão desempregados, foram demitidos, vivem uma insegurança alimentar e com péssimo ambiente para estudar. Sem poderem frequentar a universidade perderam a alimentação; ambiente confortável e adequado para os estudos como o da biblioteca; as redes de internet da universidade; a convivência com amigos - perderam tudo, inclusive a saúde mental - o programa PET deveria acolher esse estudante B, e buscar mecanismos para minorar todas as perdas que ele/a teve na pandemia.

A melhor solução para esse problema é a transdisciplinaridade, onde todos fazem um pouco de tudo e se ajudam mutuamente. Podemos dar um exemplo sobre a forma que lidamos com esse processo de transição por meio dos nossos eventos online. Houve forte resistência para que fizéssemos os eventos online - muitos não vão poder participar - argumentamos que estávamos num campo de batalha, onde muito estão feridos nas trincheiras, abatidos por dois vírus mortais: a COVID 19 e uma estrutura de estado obscurantista e que pouco valor dá a educação. Mas aqueles que podem e que se sentem mais fortes devem continuar a luta nas frentes de batalha, pelos nossos eventos e lutando com os dois vírus que assolam o nosso País. Fomos em frente e realizamos nossos eventos, nos reinventando na

transdisciplinaridade do nosso processo; esse reinventar aponta para o Novo, para um mundo mais horizontalizado, colaborativo. Temos que sair de um mundo puramente disciplinar, de uma academia mecanicista, de programas PETs mecanicistas e entrarmos para um mundo inter-multi-transdisciplinar que nos modifica e nos ressignifica, permitindo nos amalgamar, sermos “tutores e discente” ao mesmo tempo um mundo que todos aprendem ensinando e ensinam aprendendo; um mundo paulofreiriano.

Sair de um mundo newtoniano - como foi utilizado suas teorias - porque Newton não era mecanicista, Newton era um alquimista e não podia ser mecanicista, mas suas teorias foram entendidas como mecânicas e serviram de modelo para tudo que veio a seguir, inclusive para nossa academia e nosso programa. Hoje um novo mundo se avizinha, um mundo sem tempo, onde a consciência é mais livre e vai além do mundo mecanicista. Estamos no alvorecer de uma nova era, não mecanicista e no processo de transição aparecem os saudosistas de uma época medieval, obscurantista, opressora, a alma deles ainda clama por aquele mundo; mas são apenas saudosistas, a história não volta, não podem contra o Novo, e o PET é o Novo dentro da academia.

Mesmo assim devemos ficar atentos nesse processo de transição, o Universo nos testa para saber se queremos mesmo o Novo ou não, e o período que estamos passando é um teste para que firmemos mais e mais nosso amor pela democracia. Sair de um mundo injusto para um mundo mais justo, inclusive dentro do nosso programa; sair de um mundo excludente para um mundo includente, um mundo que tem compreensão e paciência com os menos favorecidos tecnologicamente, a paciência dos que sabem que só podemos chegar ao final todos juntos - Ubuntu - precisamos dessa palavra africana, precisamos chegar todos juntos; sair de um mundo degradado moralmente, eticamente, tecnologicamente, ecologicamente - a natureza que nos deu gentilmente esse planeta azul de presente pra vivermos - único - em distância infinitas pelo universo, e nós o estamos tratando como se fossemos donos descuidados, inconsequentes. É preciso tratar a natureza com mais

carinho. É preciso nos tratarmos com mais carinho. Esse é o Novo, esse é o PET que queremos.